

ENTREVISTA COM: CARLO FRANZATO



Carlo Franzato

Carlo Franzato é designer e Doutor em Design pelo Politecnico di Milano. É Decano da Escola da Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Nesta Escola, é Professor dos Cursos de Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado em Design, e supervisor de Pós-Doutorado. Na perspectiva do design estratégico, sua pesquisa tem como tema central as redes de projeto que se constituem com a abertura do processo de design para as inúmeras colaborações projetuais estabelecidas entre designers e outros profissionais, empresas e outras organizações, usuários e cidadãos. Nessa direção, publicou artigos em revistas nacionais e internacionais sobre design estratégico, metaprojeto, design participativo, codesign e open design. Desenvolve projetos

de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico financiados por órgãos governamentais e pela iniciativa privada. É membro do Grupo de Pesquisa 'Rede de Estratégias em Design' e do Grupo de Pesquisa em 'Design estratégico: inovação cultural e social'. Participa da rede internacional de pesquisa 'Latin Network for the Development of Design Processes' e da rede internacional de Laboratórios de 'Design for Social Innovation and Sustainability' (DESI), sendo gestor do Laboratório SeedingLab da UNISINOS. É editor da revista 'Strategic Design Research Journal' e organizador de eventos científicos na área do design. Também atua na divulgação científica do design e das demais áreas de conhecimento ligadas aos processos criativos, colaborando com organizações de promoção do design e veículos de comunicação.

ENTREVISTA

Mix Sustentável: Quando começou a se interessar pelo tema da sustentabilidade?

Carlo Franzato: Eu sou italiano, vivi na Itália até 2008 e só no final daquele ano me mudei para o Brasil. Já na minha infância, o tema da sustentabilidade estava presente no debate social e era considerado crucial. Talvez com formas ainda ingênuas, mas a educação ambiental começa a se tornar muito importante nos currículos escolares.

Eu estudava em uma escola pública da minha cidade que não era dedicada a nenhuma personagem importante da história italiana, simplesmente levava o nome da rua onde ficava, a rua Villafranca. Meu interesse pela sustentabilidade foi despertado nesta escola e é ligado a um fato dramático. Em 1986 ocorreu um acidente catastrófico na central nuclear de Chernobyl, que chegou a afetar diretamente a vida da nossa comunidade escolar. Quando chegávamos à escola, devíamos trocar os sapatos e guardar o casaco, pois os ventos que vinham do Leste estavam contaminados e a poeira acabava se depositando nas vestimentas. Era primavera e a natureza florescia, mas no intervalo não podíamos ir brincar no jardim. E no almoço comíamos só verdura cozida, que eu gostava ainda

menos do que a fresca. Esta situação durou apenas um par de semanas na Itália, mas essas lembranças permaneceram comigo. E também guardei na minha memória as imagens de plantas e bichos disformes que em seguida começaram a chegar da Rússia.

Mas não tenho só lembranças ruins, pelo contrário. Lembro-me com carinho que tínhamos uma horta educativa na escola, onde praticávamos o processo de compostagem do lixo orgânico. Pode soar estranho, mas para mim era fascinante. E lembro-me que havia um depósito onde recolhíamos papel, primeiramente para educar à reciclagem e também para financiar a escola. Guardávamos em casa as revistas e periodicamente as levávamos para o depósito, com muito orgulho.

No meu último ano, a Escola passou a ser intitulada a Alberto Azzolini, não um herói da pátria, mas um jovem quase desconhecido, um guarda florestal que morreu durante seu serviço.

Mix Sustentável: E quando começou a se interessar pelo tema da sustentabilidade no âmbito do design?

Carlo Franzato: Na verdade, muito tarde. Na universidade onde cursei a graduação, o Politecnico di Milano, certamente havia uma grande atenção à sustentabilidade. Nesses anos, porém, o design tratava o tema da sustentabilidade preso às assim ditas três R's da sustentabilidade: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Eu não conseguia me conformar com essas R's. O design para a reciclagem, parte do pressuposto que o resultado do projeto virará lixo... Não nego que seja verdade, mas não me parece inspirador. Nem me parece que, afinal, seja o caminho para a sustentabilidade. Não acho que uma cadeira em papelão reciclado possa ser considerada sustentável, pois poderá ser reciclada, por sua vez, após uma curta vida útil.

Da mesma forma, o design para o reuso confere efetividade ao resultado do projeto. Não acho que uma estrutura de poltrona possa ser considerada sustentável, do momento que permite transformar algumas poucas garrafas PET em assentos e encostos.

Tenho mais simpatia pelo design para a redução. Sim, devemos reduzir a quantidade de cadeiras e poltronas produzidas, de recursos materiais e energéticos consumidos, de emissões nocivas no meio-ambiente. Mas é ainda muito pouco. Lembro-me que em um curso voltado ao design para o ciclo de vida dos produtos, analisávamos o ciclo de vida de diversas soluções projetuais com o auxílio do computador. Era uma frustração: nenhuma delas era sustentável e nem chegava perto.

Mix Sustentável: Como venceu o ceticismo?

Carlo Franzato: Minha pesquisa doutoral tocou a questão do desenvolvimento territorial. O conceito de desenvolvimento é estritamente relacionado ao conceito de sustentabilidade. Segundo a declaração do Rio, a sustentabilidade é característica desses processos de desenvolvimento que, ao mesmo tempo em que possibilitam às gerações presentes o alcance de seus objetivos, garantem às gerações futuras as mesmas oportunidades. Nesse sentido, "o direito ao desenvolvimento deve ser exercido de modo a permitir que sejam atendidas equitativamente as necessidades de desenvolvimento e de meio ambiente das gerações presentes e futuras" (UNCED, 1992, p. 2).

Já tinha certa simpatia pelo design para a redução, como falei antes, e comecei a me perguntar até que ponto deveríamos reduzir nosso impacto sobre o meio ambiente e assim cheguei ao conceito de limite. Este conceito é tratado por Ivan Illich, que um meu grande amigo havia me apresentado alguns anos antes, e pelo seu discípulo, Serge Latouche. Latouche (2009) afirma que não haveria mais a possibilidade de um desenvolvimento sustentável. Ultrapassamos o limite a tal ponto que o decrescimento é nossa única possibilidade.

Neste sentido, a proposta de Illich é interessantíssima para nós designers, especialmente para os designers estratégicos. Ele ressalta a necessidade de passar a uma sociedade convivencial, ou seja, "àquela em que a ferramenta moderna está ao serviço da pessoa integrada na coletividade, e não ao serviço de um corpo de especialistas. Convivencial é a sociedade em que o homem controla a ferramenta" (1976, p. 10). Assim, para Illich devemos repensar todos os setores da sociedade, a produção industrial, os serviços (como a educação e a saúde) ou, ainda, o direito, de forma a não ficar refém deles. Só então poderemos voltar a expressar nossas possibilidades criativas, individuais e coletivas.

Em outras palavras, venci o ceticismo quando comecei a acreditar na possibilidade de repensar sistemicamente a sociedade, a partir de um novo sistema de valores. Acredito que o designer contribuir para este processo.

Mix Sustentável: Como pretende contribuir?

Carlo Franzato: Na Unisinos, integro o SeedingLab que faz parte da rede de laboratórios DESIS (Design for Social Innovation towards Sustainability, <http://www.desis-network.org/>). Na visão desta rede, a inovação social é condição estrutural para alcançar a sustentabilidade. Como já antecipava Ivan Illich, segundo o fundador da rede, Ezio Manzini (2008), o caminho rumo à sustentabilidade requer uma "descontinuidade sistêmica" que mude nossa ideia de desenvolvimento e de bem-estar. Requer a passagem desta sociedade que associa seu bem-estar ao crescimento

contínuo de sua capacidade de produção e consumo, para uma sociedade que procure o melhoramento das condições sociais e ambientais. Desenvolvimento e bem-estar devem ser compreendidos de modo articulado e procurados na complexidade ecossistêmica em que vivemos.

Como designer, professor e pesquisador, pretendo contribuir para esse processo de aprendizagem e inovação social que se prospecta difícil e demorado, mas que, espero, nos levará a viver em um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ILLICH, I. A **Convivialidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

LATOCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade. Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: e-papers, 2008.

UNCED (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). **Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UNCED, 1992. Disponível em: <http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/rio92.pdf> acessado em: 5 de outubro de 2015.